

BETAR & ARTES LETRAS

A black and white portrait of Zanele Muholi, a Black woman with a large, dark, textured afro hairstyle. She is wearing a dark headband and a dark, draped garment. She is looking upwards and to the right with a serious expression.

#177 | JUNHO | 2025

Zanele Muholi

uma grande exposição de fotografia
a não perder em Serralves

B|
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Bassadone Auto World, Gibraltar

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Nesta edição da Artes&Letras encontra as mais variadas propostas culturais para ocupar os seus tempos livres da melhor forma.

Nas artes, as obras de Paula Rego e Adriana Varejão estão em diálogo no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian; o Museu Nacional de Arte Contemporânea expõe o trabalho de João Fonte Santa na mostra “O fardo do homem branco”; e em Serralves está patente a exposição “Zanele Muholi”.

Quanto a teatro, na Trindade pode assistir à peça “Eutanasiador”, um texto de Paula Guimarães, encenado por Diogo Infante; no teatro Carlos Alberto, no Porto, a peça em destaque é “Babel”, adaptada de um texto de Luis de Camões; e ao palco da Comuna sobe “Alguém terá de morrer!”, com encenação de João Mota.

Na música, o destaque vai para os concertos do Quinteto Astor Piazzolla, que se apresenta na Casa da Música; de Jorge Palma e Júlio Resende, que unem o som dos dois pianos; e da Orquestra de Jazz do Hot Clube Portugal, que atua no São Luiz Teatro Municipal. Relevo ainda para os festivais “Há música no jardim”, no Palácio dos Lilases, e “LISB-ON”, em Monsanto. Com o mês de junho chegam também dois festivais de cinema: o Ciclo de Cinema Japonês, onde serão exibidos filmes clássicos e mais recentes da cinematografia japonesa; e o Temps d’Images, espetáculo de referência na paisagem cultural de Lisboa.

A entrevista desta edição é com o arquiteto Paulo Martins Barata, do PROMONTÓRIO, com quem temos vindo a desenvolver vários projetos e a quem muito agradecemos a disponibilidade.



Sérgio Mártires

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A Betar fez parte de mais um projeto de reabilitação e ampliação de um edifício em Lisboa, destinado a habitação, com espaços para comércio



A

intervenção consistiu na reabilitação e ampliação do edifício sito na Rua Sousa Martins, visando corrigir, melhorar e compensar deficiências estruturais inerentes às fracas características de origem do edifício, adaptando-o ao modo de vida e condições de habitabilidade contemporâneas. As paredes-mestras de fachadas e empenas em alvenaria de pedra foram reforçadas. Nos alinhamentos em que se retiraram paredes interiores foram introduzidos pórticos ou vigas metálicas. A ampliação em altura, num piso, e a respetiva cobertura, foram executadas com estruturas metálicas.

A construção nova, com estruturas em betão armado, desenvolve-se para norte. É constituída por um único bloco estrutural, com 3 caves, um piso térreo e 7 pisos elevados com cobertura em terraço. As caves foram executadas com paredes de contenção tipo Berlim.

Edifício Sousa Martins 24, Lisboa

Projeto: 2018

Obra: 2025

Dono de Obra: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Arquitetura:
PROMONTÓRIO –
Arquitectura e Paisagismo

Especialidades:
Demolições; Fundações
e Estruturas; Águas
e Esgotos e Escavação
e Contenção Periférica
(por Geotest)

À CONVERSA COM

Arq. Paulo Martins Barata

“Sempre entendi como essencial uma dimensão crítica e reflexiva (...) A arquitetura só tem relevância para a história se tiver um propósito crítico de transformação da sociedade, da cidade e da paisagem.”



Completo os estudos fora do país, publicou artigos, deu palestras... De tudo o que já fez a par do projeto, o que destaca?

Ambicionava conhecer diferentes lugares e práticas por isso, no 2o ano do curso, em 1983, fui trabalhar para a Finlândia, onde conheci o trabalho de Aalto e o classicismo nórdico de Lewerentz e Asplund. Visitei a URSS de Gorbatchev e fui exposto a todo aquele imaginário do brutalismo soviético. Quando acabei o curso, em 1988, fui trabalhar para Miami e aí decidi candidatar-me a um MBA em Edimburgo. Voltei a Portugal, onde, com os meus sócios, em 1990, tínhamos fundado o PROMONTÓRIO. Anos mais tarde, achei interessante fazer um doutoramento em teoria e crítica e escolhi a ETH Zurich - por recomendação do Jacques Herzog - que era, na altura, uma escola muito fechada no mundo “pangermânico”. Fui o primeiro doutorado português em arquitetura na ETH. Durante o doutoramento fui para a universidade de Columbia, em Nova Iorque, a convite do crítico e historiador Kenneth Frampton.

Sempre entendi como essencial uma dimensão crítica e reflexiva para uma prática profissional; uma dimensão capaz de ultrapassar a sedução, a vacuidade e os lugares-comuns. A arquitetura só tem relevância para a história se tiver um propósito crítico de transformação da sociedade, da cidade e da paisagem. Por isso vemos hoje tantos projetos de grande sucesso formal, fundados exclusivamente no poder da imagem, mas culturalmente estéreis, sem um propósito maior. Nesse

sentido, talvez o evento mais fascinante que coorganizei, foi o seminário de arquitetura Prototipo, que juntou 38 personalidades altamente conflituantes: desde o contexto do Mitteleuropa suíço, austríaco e alemão (Roger Diener, Hermann Czech, Marcel Meili), ao estertor das práticas desconstrutivistas e paramétricas (Hani Rashid/Assymptote), ao então pujante discurso holandês (Rem Koolhaas, Winny Mass, MVRDV, Ben van Berkel), às fraturas da teoria tectónica entre europeus e americanos (Kurt W. Forster, Luis Fernández-Galiano, Kenneth Frampton, Mark Wigley), etc. Foi um momento muito particular. Não voltei a ver um debate com esta intensidade crítica e acredito que precisamos de fazer outro com essas mesmas características.

O que é que conduziu o PROMONTÓRIO à robustez que têm hoje e como perspectiva o futuro?

A nossa convicção sempre foi que a arquitetura é, pela sua natureza disciplinar, uma prática colaborativa. O nosso atelier é, ainda hoje, difícil de enquadrar no contexto português, que sempre foi preferencialmente historiografado em torno das autorias e correspondentes genealogias, e menos em torno das práticas e modelos organizacionais. Os princípios enunciados do sistema de robustez (solidez, estabilidade e durabilidade), por sua vez, partiram de uma tentativa de ver refletida na prática profissional uma possível leitura da teoria tectónica. Creio que hoje, a



tectónica e a ideia de uma cultura de resistência perderam oportunidade e esses pressupostos terão de ser reavaliados à luz do meta-modernismo.

Diria que consolidámos a nossa internacionalização, principalmente no Médio Oriente, e temos por isso um fluxo recorrente de projetos de média e grande dimensão que nos permite alguma estabilidade. Estamos, por exemplo, a fazer o projeto de um edifício que é a sede de uma espécie de “Fundação Gulbenkian”, em Riade, e dois grandes bairros residenciais em Doha e Jeddah. Reiniciámos uma colaboração com os EUA que, sem prejuízo do atual contexto político, entendemos como um projeto a longo prazo.

E na arquitetura nacional, o que é que o preocupa e como vê o caminho que está a seguir?

O que parece tragicamente irresolúvel é o aumento exponencial da desigualdade e da pobreza trazido pelo fim do capitalismo, sem que tenhamos coletivamente conseguido inventar um novo modelo capaz de redistribuir a riqueza, aumentar a igualdade e aplacar o legítimo descontentamento de um espectro da sociedade recentemente desempoderado.

A crise global da habitação, que afeta até economias estruturadas, deveria pôr os governos europeus em alerta vermelho. Mas o excesso de regulação, e a incapacidade de reverter ou simplificar as políticas, levou-nos a um estado de paralisia com consequências imprevisíveis. Os custos de contexto são galopantes, os projetos levam anos a ser aprovados. Como ultrapassar esta tragédia autoinfligida?

Por outro lado, apesar da crise de valores, creio que paradoxalmente vivemos um dos momentos mais criativos da arquitetura dos últimos 20 anos, e da portuguesa em particular. Agrada-me que muitos ateliers tenham sido capazes de ultrapassar aquele detestável formalismo no qual a minha geração se acantonou ao abrigo do Siza, naquilo a que chamo o “impulso escultórico”. Geometrias formalizadas a partir de protótipos de pladur em branco lixívia de uma espacialidade fake. Dito isto, preocupa-me que esta nova geração, viajada e conhecedora das novas condições e realidades da disciplina, imposta pelo BIM e pela IA, continue quixotescamente a tradição do pequeno atelier com todas as limitações estruturais que o impede de ter uma intervenção de maior escala ao nível da paisagem e da cidade.

ARTES



Paula Rego e Adriana Varejão

Esta exposição junta duas artistas de diferentes gerações, revisitando o seu trabalho, cruzando os seus temas e revitalizando as suas leituras. “Entre os vossos dentes” cruza Paula Rego e Adriana Varejão, reunindo cerca de 80 obras para valorizar as linhas comuns de trabalho das artistas, onde a violência está presente, quer no campo político, quer na esfera privada. Nesta exposição são reinterpretadas as dinâmicas de poder de duas gerações, com especial incidência sobre a história das mulheres em geografias diferentes, abrindo um vasto arco temático de reflexão sobre o presente. **ATÉ 15 DE SETEMBRO**

Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, Lisboa

ARTES

O fardo do homem branco

Com trabalho extremamente relevante desenvolvido no âmbito da pintura, desenho e ilustração, João Fonte Santa analisa e dissecar a pesada herança do colonialismo europeu, particularmente o caso português. Recorrendo a uma linguagem figurativa que se vale dos paradigmas oitocentistas do Naturalismo, o artista subverte-os e reconfigura-os numa atitude crítica que, num mundo contemporâneo avassalado pela torrencial proliferação de imagens que se anulam umas às outras, surge como uma alternativa humanista à alienação fundamentalmente consumista dos nossos tempos. **ATÉ 3 DE JULHO**



MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea -
Museu do Chiado, Lisboa

Nesta edição encontra as mais variadas propostas culturais para ocupar os seus tempos livres da melhor maneira. Deixe-se guiar pelas nossas sugestões e desfrute de bons momentos

ARTES



Zanele Muholi

Através da fotografia, Muholi tem-se dedicado a dar visibilidade a comunidades frequentemente sub-representadas ou mal compreendidas, revelando as injustiças sociais e políticas a que estão sujeitas. Com uma obra que não deixa ninguém indiferente, o artista Sul Africano é, sem dúvida, uma das figuras mais admiradas da atualidade, tendo participado em inúmeras exposições individuais e coletivas, incluindo bienais de prestígio como Veneza e Sidney. Muholi transcende o simples registo visual ou documental, a sua obra questiona, inspira e reivindica o espaço que estas comunidades merecem no panorama global da arte e da sociedade. Além de retratar histórias de luta e resiliência, Muholi serve-se da câmara para criar autorretratos que exploram questões de raça e a força do olhar negro.

ATÉ 12 DE OUTUBRO

Serralves, Porto

TEATRO



Eutanasiador

Ao longo de um interrogatório policial, vai-se descobrindo a personalidade de um assassino em série e as histórias das suas vítimas e clientes. Personagem amoral e hedonista, este assassino insensível e sedutor, simultaneamente manipulado e manipulador, põe em causa, com ironia, as nossas ideias feitas sobre o direito à escolha, a dignidade na morte, o que é o crime e o que é a culpa. Um texto de Paula Guimarães - encenado por Diogo Infante, com Sérgio Praia como único interprete - que nasceu de um dilema da própria autora, e que procura induzir ao debate em torno da eutanásia e da auto-determinação.

ATÉ 29 DE JUNHO

Teatro da Trindade Inatel, Lisboa

TEATRO

Babel

Estamos numa estação de autocarros ou de comboios, ou talvez num aeroporto. Num lugar de chegada ou de partida? Sabemos apenas que é um lugar de espera (e não é também isso o teatro?). As personagens que o habitam contam histórias entre si, enquanto a hora da partida - não se sabe para onde - não chega. Lugar de impasse ou de questionamentos? De passagem ou de comunhão? "Babel" é uma viagem, simbólica e inquisitiva, pela comunidade e pela língua portuguesas, onde se mapeiam as tangentes e as dissidências entre o texto matricial de Luís de Camões e as demandas da atualidade. Que lusíadas somos, hoje?

ENTRE 10 E 14 DE JUNHO



Teatro Carlos Alberto, Porto

TEATRO



Alguém terá de morrer!

Esta peça foi escrita por Luiz Francisco Rebello em 1954 mas não perdeu atualidade. Retrata uma sociedade em decomposição, cada vez mais habitada pela traição, pelo cinismo, pela hipocrisia, pela falta de solidariedade, pelo desrespeito e pelo desprezo pelo outro e onde, acima de tudo, abunda a falta de humanidade e a ausência de amor. Numa família, os segredos e ressentimentos que cada um sente pelo outro, correm o risco de ser revelados numa única noite. Se, por um lado, a inesperada visita de um estranho vem incomodar a aridez existencial em que vivem cinco pessoas, por outro lado, o mistério sobre qual deles irá morrer nessa noite, mediante uma proposta igualmente inesperada, dará ao desenrolar das cenas, o clima de suspense necessário para manter o espetador curioso até ao desfecho. **ATÉ 22 DE JUNHO**

Encenação: João Mota
Interpretação: Maria D'Aires, João Mota, Diana Palmerston, Almeno Gonçalves, Margarida Caradeal, Carlos Paulo e Gonçalo Botelho

Teatro da Comuna, Lisboa

MÚSICA



Quinteto Astor Piazzolla

DIA 5 TEATRO TIVOLI, LISBOA E DIA 8 NA CASA DA MÚSICA, PORTO

Reconhecido como o único grupo capaz de representar fielmente o estilo inimitável do mestre do tango, o Quinteto Astor Piazzolla traz a Portugal uma experiência musical única, com a interpretação de obras icónicas e inéditas do compositor.

Há música no jardim

DIA 6 NO PALÁCIO DOS LILASES, LISBOA

Este ciclo de concertos pretende recordar a história de Lisboa através das pessoas que dela fizeram parte. “De Lisboa para o Mundo” apresenta um quarteto de clarinetes com Joaquim Ribeiro, Nuno Silva, Rui Martins e Luís Gomes, acompanhados por Luís Cascão nas percussões.



Jorge Palma e Júlio Resende

DIA 18 NA CULTURGEST, LISBOA

O piano de Júlio Resende une-se ao de Jorge Palma, num diálogo que se faz através da linguagem do jazz, blues e de outros géneros pertencentes aos seus universos musicais. Desconstroem e rearranjam as canções de Palma e visitam ainda repertório de outros músicos nacionais.

LISB-ON

ENTRE 27 E 29 NO PARQUE KEIL DO AMARAL, MONSANTO, LISBOA

Este é um festival proeminente de música eletrónica, famoso pelo seu ambiente mágico. Atrai uma audiência internacional com uma variedade de estilos eletrónicos, incluindo disco, house e techno. Uma celebração única que combina música eletrónica com a cultura urbana lisboeta.



Impermanência(s) da Orquestra de Jazz do Hot Clube Portugal

Este projeto procura ampliar as fronteiras da orquestra de jazz tradicional, sugerindo uma rica dialética entre improvisação e composição escrita, autoria, coletividade e individualidade, além da interpretação como um elemento fundamental da composição artística. Promovendo a criação de obras originais através da colaboração com compositores nacionais, a orquestra, com a direção musical de Pedro Moreira, explora as interseções entre a música erudita contemporânea e a música improvisada, incentivando um diálogo que amplia as possibilidades formais e estéticas desses dois universos.

Nascida em 1991, a Orquestra de Jazz do Hot Clube Portugal conta com um repertório variado que oscila entre programas contemporâneos e repertório de compositores importantes da história da big band. **DIA 7 DE JUNHO**

São Luiz Teatro Municipal,
Lisboa



Ciclo de Cinema Japonês

O programa “Osaka em Lisboa” apresenta um ciclo de 3 dias onde são exibidos filmes clássicos e mais recentes da cinematografia japonesa. No programa constam as obras “Viagem a Tóquio”, de Yasujiro Ozu; “Os Sete Samurais”, de Akira Kurosawa; “Anjo ou Demónio”, de Takashi Miike; “A Viagem de Chihiro”, de Hayao Miyazaki; “O Rapaz e a Garça”, de Hayao Miyazaki; e “Drive My Car”, de Ryûsuke Hamaguchi. O festival conta ainda com curtas-metragens como “Mount Head”, de Koji Yamamura; “I Wanna Be Your Friend”, de Iku Ogawa; “Will Hatching Day Come?”, de Kiatchokechaikul Chayanit; e “Automation”, de Kenjo McCurtain.

DE 5 A 7 DE JUNHO

Cinema São Jorge, Lisboa

CINEMA

Temps d’Images

O Momento I do Temps d’Images regressa com 6 obras de performance, teatro e instalação, que refletem a atenção à criação, experimentação e inovação artística em que imagem e palco se encontrem. A programação desta edição espelha a variedade das temáticas propostas pelos artistas, mas também evidencia um lugar despidorado que incentiva a liberdade criativa e à inovação. O Temps d’Images é, há mais de duas décadas, uma referência na paisagem cultural de Lisboa, reconhecido pela apresentação de projectos multidisciplinares que incorporam imagem em vários formatos. Veja a programação em www.tdilisboa.com.

ENTRE 18 E 28 DE JUNHO



Centro Cultural de Belém, Largo Residências, Teatro Ibérico, Galeria Zé dos Bois e Duplacena 77, Lisboa



Cabral Corpo

A sta é uma criação na fronteira entre o teatro, a dança e a performance, que desaguará nos corpos crioulos (no sentido cabo-verdiano do termo), com as suas manifestações de raiz popular, paisagens topográficas, movimentos e partituras energéticas, partindo da premissa sobre a dança de que o movimento exterior é subordinado ao sentimento interior. Neste espetáculo, existe uma (re)interpretação do legado simbólico de Amílcar Cabral que acaba por se encontrar ligada à prática de compromissos cívicos assumidos através de atividades ou projetos culturais de desenvolvimento comunitário que, no processo de luta nos anos 60, constituiu uma das preocupações mais presentes nos seus escritos e ações políticas. É a partir deste movimento interior que surge este processo criativo. **DIAS 7 E 8 DE JUNHO**

Teatro Ibérico, Lisboa

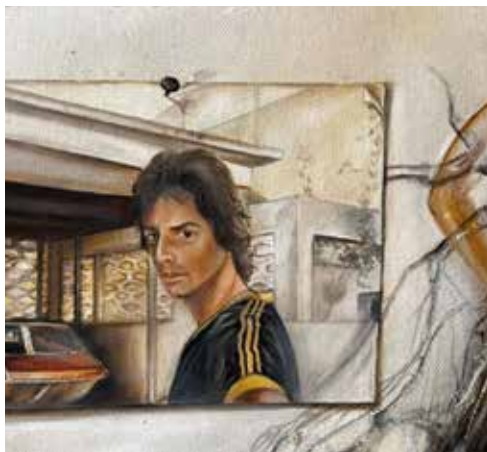
MOÇAMBIQUE

ARTES

Sérgio Somos Nós

Camões – Centro Cultural Português em Maputo

Esta mostra de artes plásticas em homenagem ao artista moçambicano Sérgio Veiga é uma celebração viva e afetiva do legado do artista, reunindo obras suas – algumas inéditas – bem como trabalhos de familiares, amigos e antigos alunos, pessoas profundamente marcadas pela sua presença e inspiração. Com influências do surrealismo e do impressionismo, a obra de Sérgio Veiga revela uma forte ligação ao mar, ao mato africano, à fauna bravia e à cultura do povo moçambicano. A sua produção artística é marcada por um realismo poético e uma profunda sensibilidade estética, refletindo a essência de Moçambique. **ATÉ 7 DE JUNHO**



ARTES



Dedos do Barro e da Tinta

Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

Nesta exposição, a cerâmica de Reinata Sadimba e a pintura de Sebastião Coana dialogam com a vida e a cultura de Moçambique, sem o uso de palavras. A mostra revela uma simbiose única entre as cores vibrantes e as expressões culturais dos Makondes, proporcionando uma imersão nas técnicas e na visão artística de ambos os artistas.

Reinata Sadimba é uma ceramista moçambicana cujas peças, inspiradas nos desenhos e espíritos Makondes, abordam temas como a feminilidade e a maternidade. Sebastião Coana, é um artista plástico nascido em Moçambique, que conta com diversas exposições e murais em mais de 20 países.

ATÉ 28 DE JUNHO

EUROPA

ARTES

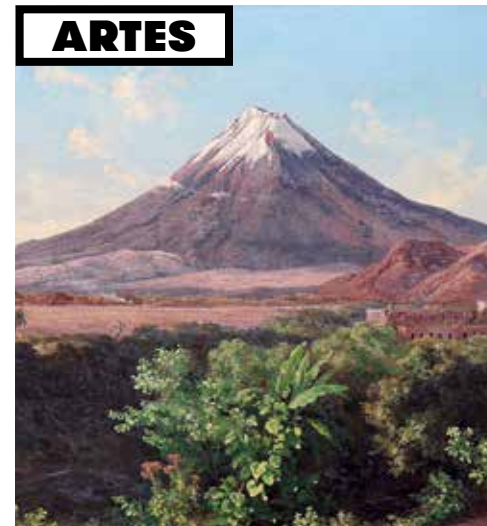
Ayako Rokkaku

Museu Thyssen-Boernemisza, Madrid, Espanha

Esta exposição individual da artista japonesa Ayako Rokkaku traça a sua evolução artística por meio de 30 obras, incluindo pinturas, esculturas e instalações. A exposição revela um universo em constante transformação, onde o passado e o presente se entrelaçam, e onde o paraíso não é um destino, mas uma sensação um pouco além do alcance, mas sempre dentro do sentimento. Conhecida por fazer telas intuitivas, Rokkaku cria mundos imersivos onde as figuras flutuam entre o tangível e o imaginário, numa sensação de beleza fugaz. Na sua obra nada é fixo, as figuras emergem e dissolvem-se, como as nuvens no céu. **ATÉ 7 DE SETEMBRO**



ARTES



José María Velasco

National Gallery, Londres, Reino Unido

Esta é a primeira exposição dedicada a um artista histórico latino-americano e celebra o lugar de José María Velasco entre os grandes pintores paisagistas do século XIX. Velasco foi um artista mexicano que pintou as paisagens deslumbrantes do Vale do México, lar da atual Cidade do México, com detalhes requintados. As suas obras retratam impressionantes vistas panorâmicas do vale, com alusões ao passado histórico do país e à rápida modernização. Velasco registou ainda a expansão das linhas ferroviárias e fábricas no México e realizou estudos precisos sobre plantas. Foi o seu olhar científico que inspirou a sua arte. **ATÉ 17 DE AGOSTO**

PARA LER

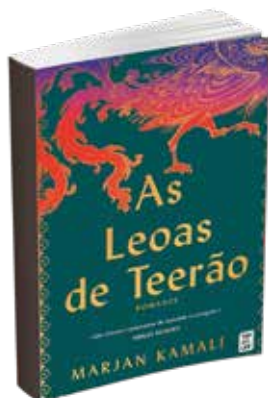


Levarei o Fogo Comigo Leïla Slimani

Mia e Inès formam a terceira geração da família Belhaj. Nasceram em Marrocos, na década de 80, num país dividido entre o desejo de modernidade e o medo de perder a alma e as tradições. É todo um novo mundo e as duas irmãs terão de encontrar nele o seu lugar, cada uma à sua maneira, enfrentando o preconceito e o desprezo enquanto abraçam todas as promessas. “Levarei o Fogo Comigo” completa um tríptico magistral, retrato dos heróis e heroínas deste e de outros tempos. Uma saga inspirada na família da escritora, eivada de um impressionante vigor poético.

As Leas de Teerão Marjan Kamali

Teerão, década de 50. Ellie, de 7 anos, vive uma vida confortável, até que a morte do pai a obriga a mudar-se com a mãe para uma pequena casa no centro da cidade. Felizmente, no primeiro dia de aulas na nova escola, conhece Homa, uma rapariga de espírito corajoso e irreprimível. Crescem juntas até a sua amizade ser interrompida quando Ellie e a mãe têm a oportunidade de regressar à antiga vida burguesa. Anos mais tarde, Homa reaparece no mundo privilegiado de Ellie e o passado e a violenta turbulência pela qual o país passa irão alterar implacavelmente o rumo das suas vidas.



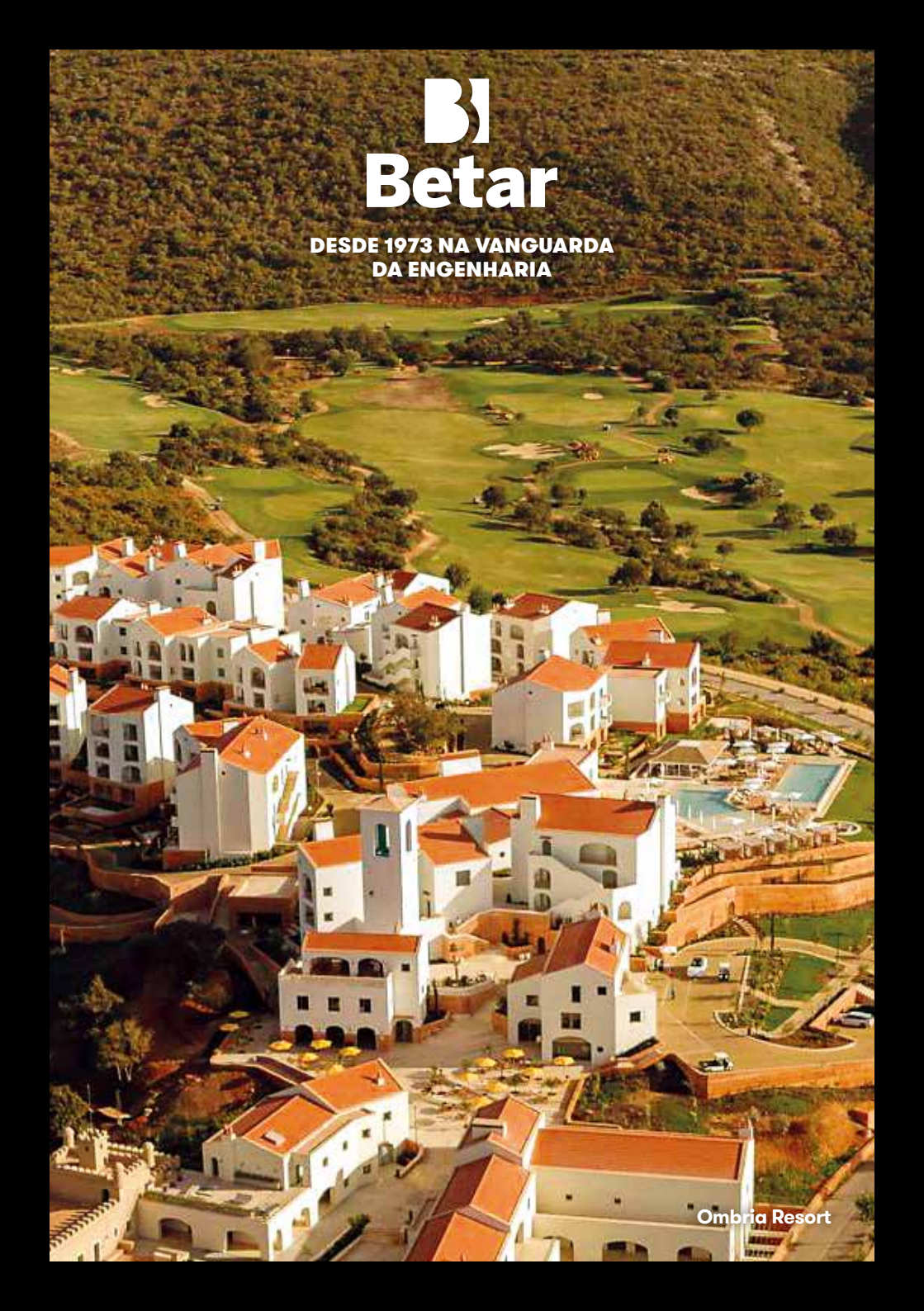
VIAGEM

Costa Rica

“Pura Vida” foi a frase que mais vezes ouvimos na Costa Rica. É uma espécie de cumprimento, usado também como agradecimento, e diz muito sobre o espírito do país e das suas gentes, simpáticas e prestáveis. Começamos a nossa estadia na capital San José que, não sendo bonita, tem alguns edifícios históricos e mercados interessantes. Também passámos por Cartago e Punta Arenas mas não são, de todo, as cidades o atrativo do país. A Costa Rica é um destino de natureza e, por isso, no 3o dia visitámos o Parque Nacional Manuel Antônio, onde vimos animais como tucanos, iguanas, preguiças e macacos, ao percorrer um tilho, pelo meio de uma vegetação exuberante, que termina numa praia deslumbrante. Seguiu-se o Bosque Nublado de Monteverde, onde fizemos cerca de 11Km de caminhada numa floresta tropical densa. Ali desfrutámos de paisagens idílicas, envoltas num nevoeiro constante, atravessámos pontes suspensas e apreciamos flores e aves exóticas. Ainda naquela região, visitámos o Selvatura Park, um centro de recuperação de preguiças onde vimos de perto os animais mais característicos do país. Outra região com uma paisagem diferente é a de Guanacaste, onde se localizam dois importantes vulcões. No parque do Vulcão Arenal, sente-se o calor a emanar do chão e é possível encontrar lava da última erupção. Já na zona do Vulcão Tenório, o mais impressionante é o Rio Celeste, cuja água é de um azul-turquesa tão intenso que parece colorida artificialmente com corante.

Por fim, embora a Costa Rica não seja um destino de praia, foi possível relaxar na praia de Samara, na costa sul do país.

por Cátia Teixeira



B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

Ombria Resort